

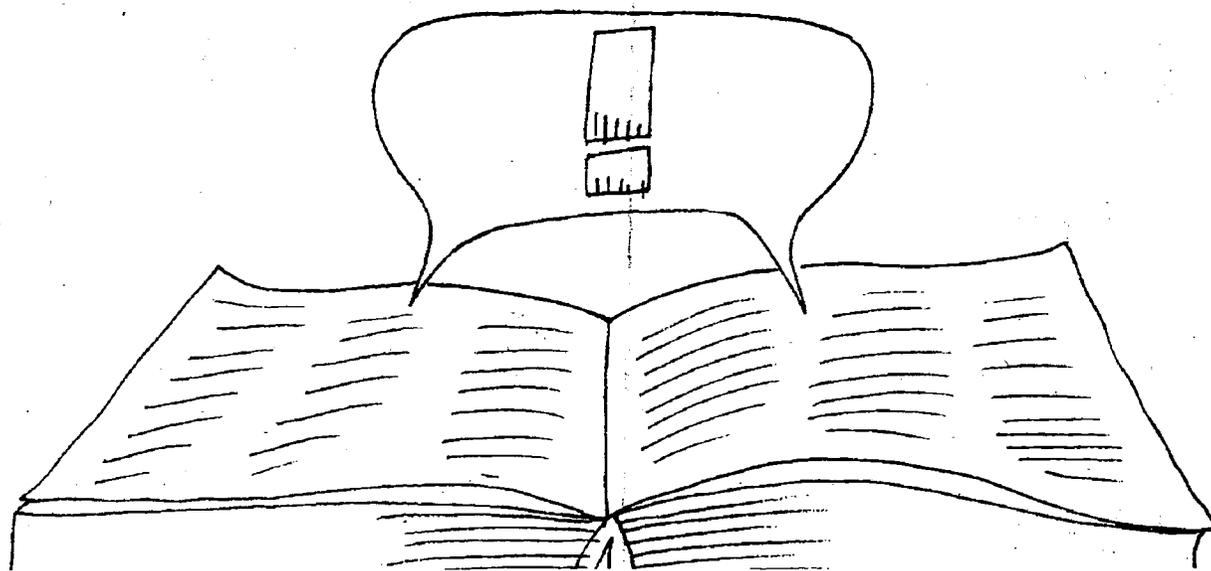
Quem é fã de carteirinha de Fernando Henrique não pode deixar de ler o livro "O Presidente Segundo o Sociólogo", que traz uma longa e inédita entrevista concedida ao jornalista Roberto Pompeu de Toledo, da "Veja", lançado nos últimos dias pela Companhia das Letras. Quem não gosta de Fernando Henrique e está doído para vê-lo pelas costas também não deve perder a oportunidade de conhecer mais de perto o que pensa (e o que esconde) o Presidente. Já quem não está nem um pouco preocupado com Fernando Henrique, mas preocupa-se com os problemas e caminhos do nosso país tampouco perderá seu tempo lendo a obra.

Trata-se de um livro interessantíssimo. Em primeiro lugar, porque o entrevistado e o entrevistador são dois homens inteligentes e bem informados, com reflexões próprias sobre os mais variados temas da atualidade do Brasil e do mundo. Um tem o que dizer; o outro, o que perguntar. Não é pouca coisa.

Em segundo lugar, porque ambos sabem conversar e, por dominarem essa arte rara entre os jornalistas e raríssima entre os políticos, porque os primeiros ouvem por obrigação e os segundos falam por compulsão, conseguem o impossível: transformar uma longa entrevista, que tinha tudo para ser chatíssima, num papo agradável, em que um assunto puxa naturalmente o outro.

Em terceiro lugar, porque o livro é muito bem escrito e muito bem editado, o que não chega a ser uma surpresa, pois Pompeu tem um dos melhores textos da imprensa brasileira e a Companhia das Letras é sabidamente competente. Mas, de qualquer forma, é algo que deve ser registrado. Pois, boas entrevistas na fita do gravador só dão boas entrevistas no papel se o responsável pelo texto final conseguir: 1º) captar o estilo do entrevistado e a alma da conversa, elementos intangíveis mas cruciais que deram sentido ao que se perguntou e se respondeu; e

Uma conversa com o presidente



2º) usar o bisturi sem dó nem piedade, cortando frases suspensas, raciocínios inconclusos, digressões desnecessárias, cacoetes verbais, associações de idéias dispersivas etc, o que deve ser feito sem remorsos e, inclusive, com alegria, se possível entoando um verso perdido da oração de São Francisco: "É suprimindo que se acrescenta". Pois, concluirá o coro, "é morrendo que se conquista a vida eterna".

Um dos melhores exemplos de como o texto captou bem o estilo de conversa de Fernando Henrique está no primeiro capítulo (ao todo, são 25, que resumem 20 horas de gravação, referentes a nove sessões de entrevista, ocorridas em outubro e novembro de 1997). Em oito das 17 respostas desse capítulo, o Presidente começa sua fala concordando com o interlocutor, repetindo afirmativamente aquilo que acabou de ouvir em tom de indagação, como se agradecesse à pergunta que lhe permitiu abrir a porta de seu pensamento ou como se a pergunta fosse

mais importante que a resposta. É verdade que, geralmente, Fernando Henrique relativiza a concordância em seguida, ou esquece-a mais à frente, mas, pouco importa, já estabeleceu um terreno comum com o repórter, desarmando-o e deixando-o à vontade. Mais importante: com isso, tranquilizou-se ele próprio, começou ele também a ficar à vontade, pôs-se a conversar. Já que entrevistador e entrevistado concordam nas premissas, que mal há se divergem nas conclusões? São os meandros normais de uma conversa: concorda-se aqui, diverge-se ali, um falando, outro ouvindo, os dois trocando idéias. Trata-se de um mecanismo de defesa que o Presidente usa instintivamente quando está tateando o terreno. Tanto que, depois de ter abusado dele nos primeiros capítulos, vai abandonando-o no transcurso do livro. Ao final, contam-se nos dedos as vezes em que ele começou suas respostas fazendo barretadas às perguntas. Já estava dando

aula. Talvez Pompeu não tenha percebido esse sutil processo por meio do qual Fernando Henrique foi baixando a guarda, mas captou-o. É o que importa.

A entrevista percorre os campos mais variados: escravidão, autoritarismo e hierarquização da sociedade brasileira, Plano Real, globalização, queda do muro de Berlim, hegemonia e predominância americana no mundo, Mercosul e Argentina, drogas, violência, campanhas, partidos, fisiologia e clientelismo, esquerda e direita, cidadão comum, partidos e ONGs, federação, religião, Nordeste, educação e saúde, política de alianças e reforma do Estado. Fernando Henrique vai da sociologia à política, do passado ao presente, do País ao mundo, e, nesse vai-e-vem, cita um autor diferente a cada duas páginas, geralmente com propriedade e sem bestice.

Há capítulos interessantíssimos, como aquele em que o Presidente discorre sobre sua teoria de que as socie-

dades modernas mudam por curtos-circuitos, ou aquele em que ele avalia o papel da mídia nos dias de hoje. Nesse último, Fernando Henrique dá uma boa pista para os que, adversários ou correligionários, querem conhecer seu ponto forte e seu ponto fraco em cima do palanque, diante do microfone ou na frente de uma câmera de televisão. "O mais importante mesmo é a capacidade de explicar, é a ela que tenho mais me dedicado. Em lugar dos símbolos, que jogam para o ar alguma coisa que não se entende bem, eu jogo com o entendimento", diz Fernando Henrique, que, ao menos em tese, se dá conta de que é melhor na conversa do que no grito, na explicação do que na comoção. Deveria se lembrar disso quando sentisse ganas de se meter a tribuno, subindo o tom da voz e apelando para imagens e frases que sempre resvalam, nunca encaixam na audiência, como "banda podre", "vagabundos aos 50 anos" etc. Na boca do professor Cardoso, esses símbolos jogados para o ar soam falsos e vão além das medidas.

A entrevista traz dois compromissos a serem cobrados do Presidente, se ele vier a ser reeleito. O primeiro é o de que não lavará as mãos diante da necessidade das reformas políticas, ainda que isso venha a criar turbulências na sua base parlamentar. Fernando Henrique acha que chegou a a hora de colocar na pauta temas como voto distrital misto, fidelidade partidária, mudanças na representação dos estados e financiamento de campanha. "Vou entrar nesse assunto, porque chegamos a um ponto que não dá mais", disse.

O segundo compromisso é que, em 20 anos, se houver persistência nas políticas econômicas e sociais, será possível acabar com a miséria no País. Diz o Presidente, candidato a um segundo mandato: "Já há recursos para isso na sociedade. Essa questão da miséria é realmente, a 'nódoa' do Brasil. Para Joaquim Nabuco, a nódoa era a escravidão. Hoje, é a miséria".

Para anotar e, mais tarde, cobrar.